

RESISTIR, SILENCIAR E ESCUTAR: DESAFIOS PARA UMA PNEUMATOLOGIA DO SÉCULO 21

**Resisting, silencing and listening: Challenges for 21st century
pneumatology**

*Fabricio Veliq **

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre os desafios contemporâneos da pneumatologia no século XXI. Reconhecendo a atualidade da teologia do Espírito de Jürgen Moltmann — especialmente por sua ênfase na experiência concreta do Espírito Santo como justificador, regenerador, santificador e libertador —, delineamos três desafios centrais para a pneumatologia atual: resistir à lógica mercadológica que dissocia espiritualidade de compromisso ético; cultivar o silêncio como caminho para reencontrar o ser de Deus que fundamenta a pneumatologia; e escutar outros saberes contemporâneos para aprofundar a compreensão da ação do Espírito na relação do ser humano consigo mesmo, com o divino e com a sociedade.

Palavras-chave: Pneumatologia; Espírito Santo; Jürgen Moltmann; Teologia Contemporânea; Século 21

Abstract: This article offers a reflection on the contemporary challenges facing pneumatology in the 21st century. Recognizing the enduring relevance of Jürgen Moltmann's theology of the Spirit—particularly his emphasis on the concrete experience of the Holy Spirit as justifier, regenerator, sanctifier, and liberator—we identify three key challenges for current pneumatological discourse: resisting a market-driven logic that detaches spirituality from ethical commitment; embracing silence as a means to rediscover the being of God that grounds pneumatology; and listening to other contemporary fields of knowledge to deepen the understanding of the Spirit's presence in the human relationship with self, with the divine, and with society.

Keywords: Pneumatology; Holy Spirit; Jürgen Moltmann; Contemporary Theology; 21st Century

* Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte; Doctor of Theology, with powers in the field of Theology, Religious Studies and Canon Law pela Katholieke Universiteit Leuven. Bacharel em Filosofia pela UFMG.

Introdução

Qualquer pessoa que buscar falar a respeito da pneumatologia, muito possivelmente começará sua digressão sobre os diversos significados da palavra *ruah* no Antigo Testamento, trazendo o significado masculino que se encontra no hebraico, de que a *ruah* de Javé seria a força de Deus, um poder irresistível, para utilizarmos a famosa citação de Daniélou trazida por Yves Congar (2009, p.18):

Quando falamos de “espírito”, quando dizemos “Deus é espírito”, o que queremos dizer? Falamos grego ou hebraico? Se falamos grego, dizemos que Deus é imaterial etc. Se falamos hebraico, dizemos que Deus é um furacão, uma tempestade, um poder irresistível. Daí todas as ambiguidades quando se fala da espiritualidade. A espiritualidade consiste em se tornar imaterial ou em ser animado pelo Espírito Santo?

Essa perspectiva também se encontra em alguns manuais de pneumatologia, que seguem um caminho sistemático para falar a respeito do Espírito de Deus e de sua revelação ao longo da história. Começando pelos diversos significados que a *ruah* recebeu ao longo do texto bíblico, bem como, alguns deles, contando quantas vezes a palavra *ruah* aparece no Antigo Testamento, seguem pelas diversas elaborações feitas acerca do Espírito de Deus pelo povo de Israel e Judá, e posteriormente, pelas primeiras comunidades cristãs que conseguimos perceber nos textos paulinos e nos Evangelhos.

Uma vez delineado o escopo bíblico, é comum que continuem essa história, mencionando as elaborações de Agostinho e Tomás de Aquino, para posteriormente, falar a respeito dos movimentos místicos da Idade Média, e fazer o contraponto com a pneumatologia da Reforma.

Alguns desses manuais são mais cuidadosos e apontam a riqueza da teologia oriental, em que em algumas delas, o Espírito aparece em seu caráter maternal, remetendo, assim, ao aspecto feminino da *ruah* de Javé, tal como faz as teologias da Síria e Armênia, que conseguiram se desenvolver de maneira independente às teologias gregas e latinas (cf. VELIQ, 2020). Nesse sentido, como nos mostra (VELIQ, 2023, p.24):

Há, nessa teologia, uma cristologia do Espírito de forma mais evidente que uma cristologia do Logos. O Espírito e o Logos estão ligados em uma imagem bem interessante. Em particular, na teologia siríaca, o Espírito Santo é visto como a “costela do Logos” o que traz também uma forma própria de se ver a Igreja. Assim como Eva foi formada da costela de Adão, assim a Igreja foi formada da costela do Logos que é o Espírito Santo. Assim como Eva é a mãe da vida humana, o Espírito Santo é mãe da nova vida. Aqui, o aspecto maternal que falávamos pouco acima se mostra bastante evidente.

Passam também por Gregório Palamas, grande teólogo oriental, que com sua teologia das energias divinas influenciou fortemente toda a teologia do oriente posterior a ele.

Curiosamente, a história da pneumatologia cristã, pelo menos em sua vertente sistemática, fala a respeito de certo esquecimento do Espírito. Tal perspectiva se refere geralmente ao período em que a busca do Jesus histórico estava em voga no lado protestante, marcada pelos estudos de Reimarus, e que seguiu até o famoso livro de Albert Schweitzer, em 1901.

Nesse sentido, é possível inferir que a busca histórica, influenciada também pelas revoluções científicas que ocorreram a partir do século 16, tenham colocado o ser humano moderno na busca por aquilo que poderia ser conhecido e provado cientificamente.

Se assim o for, não é de se espantar que a questão da pneumatologia tenha sido deixada de lado, talvez considerada como coisa meramente sentimental, que não deveria ter a mesma importância do que questões consideradas mais urgentes, tais como a historicidade de Jesus de Nazaré, ou sua messianidade.

Do lado católico, em sua luta contra o modernismo e racionalismo presentes nos séculos 18 e 19, a resposta vem por meio do Concílio Vaticano I, em sua ênfase na Igreja e no Magistério, e posteriormente em Maria, faz com que o movimento católico se esquecesse do Espírito, retornando a visão do

Espírito como ligado à obra de Cristo, agindo na comunhão da Igreja histórica e feita pelo povo de Deus somente no Concílio Vaticano II (cf. VELIQ, 2023)

Sem termos em mente esse contexto, ainda que de forma marginal, ficaria difícil tentar falar a respeito de uma pneumatologia do século 21, uma vez que toda a teologia fala a partir de determinado contexto, carregando consigo toda uma história que vem antes dela. Com a pneumatologia também não é diferente. A compreensão que temos do Espírito de Deus hoje é fruto de todo esse percurso que tentamos mostrar nessas páginas iniciais. A compreensão que terá para a frente cabe a nós, também, elaborar, de maneira que tal pneumatologia faça sentido para as pessoas de nosso tempo.

A importância de Jürgen Moltmann

Ainda que tenha sido elaborada de forma sistemática em 1991, podemos considerar a pneumatologia integral de Jürgen Moltmann como a abertura de um novo paradigma para se falar acerca da pessoa do Espírito no século 21. Ao ligar a experiência do Espírito com a concretude da vida, Moltmann faz o caminho de saída de uma pneumatologia meramente “espiritual”, que se preocupa com as questões do alto, e propõe que toda experiência humana seja também uma experiência do Espírito (cf. Veliq, 2023, p. 150; Moltmann, 2010).

Com isso em mente, sua *Ordo Salutis* é voltada para o conceito de vida, ocupando-se dos temas da libertação, justificação e regeneração sempre os relacionando com o dom da vida e seu desenvolvimento no espaço vital do Espírito, a fim de descrever as experiências de nossa vida em Deus e da vida de Deus em nós (cf. Moltmann, 2010)¹.

A pergunta de Moltmann, então, está em identificar o que é que permanece e o que é que se perde quando passamos da *ruah Yahweh* para o Espírito Santo em nossos discursos atuais. Para ele, nessa passagem já nos

¹ Para o que se segue, utilizamos nossa tese de doutorado intitulada A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann como contribuição para o diálogo inter-religioso.

distanciamos da origem, ou seja, “passamos da vitalidade de uma vida criativa a partir de Deus para a espiritualidade de uma vida espiritualizada em Deus” (Moltmann, 2010, p. 87).

Para Moltmann a espiritualidade deve ser vivida no dia a dia. Nesse sentido, se reduzimos a espiritualidade à vida consagrada e à vida religiosa excluímos diversas pessoas que não possuem tal carisma. Da mesma forma, a constante tentativa de separar aquilo que é carnal daquilo que é espiritual se faz sem sentido no pensamento de nosso teólogo.

Para ele, essa dicotomia não se mostra no judaísmo e nem nos escritos do Antigo Testamento. De acordo com o Antigo Testamento, o Espírito é a força e o espaço de vida para o desenvolvimento e crescimento das criaturas. Da mesma forma, essa diferenciação também não se mostra no Novo Testamento, onde o Espírito é a força da ressurreição que é derramada sobre todos e todas².

Mas, então, o que seria vitalidade no pensamento de Moltmann? Moltmann entende vitalidade como “amor à vida” (Moltmann, 2010, p.89). Esse amor à vida liga os seres vivos que não somente vivem, mas que também deixam viver e, dessa forma, ela é a legitima humanidade. Assim, no pensamento de Moltmann, espiritualidade e vitalidade podem ser colocadas juntas.

Neste mundo, com sua moderna doença para a morte, a verdadeira espiritualidade consistirá na restauração do amor à vida, portanto vitalidade. O “sim” pleno e sem reservas à vida e o amor pleno e sem reservas ao que é vivo são as primeiras experiências do Espírito de Deus, que não sem razão é chamado de *fons vitae*, “fonte de vida” (Moltmann, 2010, p.100)

Com isso em mente, o Espírito entendido como libertador, justificador e regenerador deve ter relação com as realidades concretas da vida, e não deve

² Essa diferenciação que se estabeleceu no cristianismo de rejeitar a carne e dar maior ênfase à alma, claramente nos remete ao platonismo e a cristianização dele por parte de Agostinho.

ser compreendido somente como algo espiritualizante, que desconecta o ser humano da realidade.

O Espírito enquanto libertador

Quando pensamos no conceito de liberdade trazido por Moltmann para compreender o Espírito como aquele que liberta, é importante termos em mente que para ele, a liberdade deve ser compreendida em três dimensões, a saber, como domínio, como comunhão e como futuro.

A liberdade tratada como domínio, provavelmente, seja a mais comum. Nesse caso, temos a ideia de que livre é aquele que não é dominado por ninguém, é aquele que vence e subjuga, sejam aos outros, seja à sua própria vontade, sejam às determinações internas e externas a si.

Embora a ideia do subjugar remeta a um período das diversas guerras relatadas da antiguidade, se entrarmos no período do advento do liberalismo burguês, perceberemos que a imagem da liberdade como domínio ainda se faz presente, agora sob a condição da igualdade dos direitos para todos. Uma vez que todos os seres humanos são livres e, como livres todos e todas devem ter os mesmos direitos, o limite da minha liberdade agora se encontra na liberdade do outro e, dessa forma, cada um reivindica sua própria liberdade respeitando a liberdade do outro, ou seja, em última análise, essa ideia de liberdade também traz, em si, também, a ideia do domínio.

Que a ideia da determinação da liberdade individual trazida nesse momento tenha em si o germe do individualismo característico de nossa sociedade parece-nos bem claro, porém não entraremos nessas considerações por fugir ao tema do texto.

A segunda determinação possível é a liberdade como comunidade. Nesse sentido, minha liberdade consiste em reconhecer e ser reconhecido pelos outros, e se manifesta quando compartilho minha vida com minha comunidade

e essa comunidade compartilha sua vida comigo, em abertura de uns para com os outros.

Assim, percebemos uma nova forma de se ver a relação entre sujeitos livres. O outro passa a ser complemento de minha liberdade e não mais concorrente dela ou, seguindo na linha de Hegel, a liberdade subjetiva se encontra em reconhecer o universalmente necessário, de maneira que o máximo de minha liberdade está no reconhecimento daquilo que devo fazer para a universalidade.

A terceira determinação proposta por Moltmann é a da liberdade como futuro. Nesse sentido, a liberdade tem a ver com a relação entre sujeito e projeto, sendo assim uma iniciativa criadora. A liberdade como futuro está voltada para o Reino de Deus que há de vir e, dessa forma, motivada pela esperança, exerce sua função criativa de transformação do mundo.

Se olharmos com cuidado percebermos que na ideia moltmanniana há uma espécie de tendência da liberdade, de maneira que “a liberdade como dominação só será superada em favor da liberdade como comunhão quando a liberdade enquanto futuro comum se apresentar em primeiro plano” (Moltmann, 2011, p. 220)

Dessa forma, em seu pensamento, o Espírito é essa força na qual os seres humanos experimentam sua libertação tanto interior como exterior, em outras palavras, é no Espírito que os seres humanos experimentam a Deus como o Senhor, ou seja, da mesma forma que o povo de Israel faz a experiência de Deus como Senhor na saída do Egito, assim também o fazem aqueles que creem em Cristo. Dessa forma, “no Espírito os homens experimentam a Deus como o “Senhor”, e isto quer dizer pura e simplesmente que eles experimentam sua libertação para a vida” (Moltmann, 2010, p. 120).

Assim, a experiência da liberdade traz consigo uma dupla experiência de Deus, tanto a de que o Senhor é Espírito como que o Espírito é o Espírito do Senhor. Nesse sentido, Cristo e o Espírito atuam mutuamente, levando a

humanidade à verdadeira liberdade. A consequência disso no pensamento moltmanniano é que

Experiência pentecostal do Espírito e experiência carismática do Espírito sem o seguimento pessoal e político de Jesus passam a ser uma coisa espiritualista e ilusória. O seguimento pessoal e político de Jesus sem a espiritualidade que "bebe do próprio poço" (G. Gutierrez) torna-se legalista e rigorista (Moltmann, 2010, p. 121).

Dessa forma, é claro percebermos que para Moltmann, a liberdade do Espírito não é desvincilhada da vida, antes, é nela que se mostra e é nela que se desenvolve.

O Espírito enquanto justificador e regenerador

O Espírito como justificador no pensamento de Moltmann também está relacionado com a concretude da vida. Moltmann está consciente de que ao falarmos de justiça não é possível somente colocarmos de lados separados vítimas e autores; é preciso também abordar a questão do pecado estrutural, ou seja, ter a consciência de que o pecado não tem a ver somente com a questão pessoal, mas também se refere à humanidade caída historicamente³.

Isso se manifesta nas diversas áreas de nossa vivência histórica como no capitalismo neoliberal que torna ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres, na atual crise ecológica que vivemos em que grande parte das florestas, inclusive no próprio Brasil, são dizimadas em troca de maior produção para satisfazer os interesses do capital, a crescente desvalorização da vida com o aumento dos nacionalismos em países europeus, frente às crises de refugiados que foram causadas pela própria UE e sua política de incentivo de guerra e venda de armamentos.

³Ver RUEETHER, *Sexism and God-Talk*, p. 161s. Moltmann considera pecado estrutural como pecado que se tornou autônomo, ou seja, como força quase objetiva de coerção sobre os homens, cf. MOLTMANN, *O Espírito da Vida*, p. 137

A tudo isso, Moltmann dá o nome de “círculos diabólicos”, uma vez que, uma vez não resistidos no começo, desenvolvem leis próprias, fazendo com que todo o sistema se leva à própria morte⁴ (Cf. Moltmann, 2010, p. 136).

Diante disso, para Moltmann, falar a respeito da justiça de Deus tem a ver com as experiências da justiça que cria, estabelece direito e justifica, ou seja, que serve em favor da vida. Dessa forma, o Espírito como juiz é tanto aquele que se manifesta na dor daqueles que sofrem como também aquele que se manifesta na má consciência dos autores, tirando-lhes a paz, ao mesmo tempo em que também se mostra como a força de expiação por meio de Cristo junto às vítimas, bem como sendo a presença de Cristo junto às vítimas da violência.

Do igual modo, a justiça divina se manifesta de forma oculta na história humana, desestabilizando os sistemas de injustiça que são sustentados por meio da violência, geralmente policial e militar.

Para Moltmann, a comunhão do Espírito é o amor divino e é esse amor que sustenta a humanidade que segue se autodestruindo a fim de trazer-lhe cura, sendo, portanto, também “a contraimagem das comunidades humanas construídas sobre a injustiça e a violência” (Moltmann, 2010, p. 140).

Diante disso, à pergunta sobre quem é o Espírito justificador, a resposta de Moltmann é que

94

o Espírito Santo é a justiça de Deus que faz justiça aos espoliados, que justifica e corrige. Nele se torna possível a comunhão duradoura com Deus, com as outras pessoas e com a natureza. Por isso, sob este aspecto também podemos chamar o Espírito Santo de justificação da vida. Nele a vida se torna novamente digna de ser amada; nele as pessoas se tornam novamente capazes de amar a vida; nele os contextos da vida se tornam novamente fecundos. O Espírito Santo que corrige é o Sim justo de Deus à vida de uns e de outros e à vida de uns com os outros (Moltmann, 2010, p.140).

Quando nos voltamos para a regeneração, Moltmann a entende como a nova criação. essa nova criação, que vem da parte de Deus, é feita através de

⁴ O termo “círculos diabólicos” foi cunhado pela primeira vez no pensamento moltmanniano em MOLTMANN, *O Deus crucificado*, 2014

Cristo e executada pelo Espírito, visando à nova criação de todas as coisas escatologicamente. Com isso, comprehende a regeneração como um tocar da eternidade no tempo, ou seja, na regeneração há uma experiência da eternidade e o passar da vida mortal para a vida eterna. Não devemos pensar a regeneração como complemento da justificação, no sentido de que este se trata daquilo que me é atribuído e aquele se trata da maneira que eu experimento. Se assim o for, então haveria uma espécie de “segunda graça” que vem a nós após a justificação que recebemos.

É interessante percebermos que a ideia de uma “segunda graça” ainda continua sendo fortemente considerada, mesmo que não com o mesmo nome, nos diversos movimentos pentecostais e de renovação carismática. Se olharmos atentamente, percebermos que o “batismo com o Espírito Santo” se torna agora o “selo” para que os cristãos sejam realmente considerados cristãos próximos de Deus e no caminho de Jesus Cristo e seus apóstolos.

Mesmo que isso não seja bíblico, uma vez que não há justificação sem o Espírito, ainda assim isso se mostra extremamente presente em nossas igrejas brasileiras, sejam evangélicas, sejam católico-carismáticas.

Para nosso teólogo, é necessário rever a teologia da justificação reformada e passar a tratar o significado da ressurreição de Cristo para nossa salvação. Essa ampliação deve, portanto, ter também um caráter pneumatológico e ser orientada escatologicamente.

Assim, a regeneração contém um excedente de esperança que só será satisfeita no novo mundo, ou seja, na nova criação de todas as coisas. É esse transbordar que faz com que a regeneração seja sempre um completar-se, sempre um começo com vistas ao cumprimento da esperança cristã de ver novos céus e nova terra onde habita a justiça⁵.

Nesse sentido, na regeneração o que se torna presente é a própria ressurreição de Cristo, o que, segundo nosso teólogo, coloca a pneumatologia

⁵ Moltmann também aborda a questão do “excedente” em MOLTMANN, *Igreja no poder do Espírito*, 2013, p. 56.

entre a cristologia que lhe é pressuposta e a escatologia para onde aponta. Assim, a ligação entre justificação e regeneração se torna clara no pensamento de Moltmann. Em suas palavras:

Uma vez que na ressurreição de Cristo “dentre os mortos”, pela misericórdia de Deus Pai que se antecipa aos acontecimentos, a morte já foi de antemão destruída, podemos ver nela também o início da regeneração de toda a criação e chamá-la a “regeneração de Cristo”. Os que creem são possuídos pelo Espírito da ressurreição e renascem através dele para uma fundamentada esperança da vida eterna. Um mesmo processo coerente leva da regeneração de Cristo da morte pelo Espírito, passando pela regeneração do homem mortal pelo Espírito e chegando à regeneração universal do cosmo pelo Espírito. Nesse processo Deus Pai age em Cristo através do Espírito e age através de Cristo no Espírito. No acontecer da regeneração dos fiéis para a filiação divina e para a herança de seu Reino o agir de Cristo e o agir do Espírito se interpenetram mutuamente. Quando isto é chamado justificação, está sendo descrito como ação de Cristo. Quando é chamado de regeneração, está sendo descrita a ação do Espírito (Moltmann, 2010, p. 148).

Quando nos voltamos para o Espírito enquanto justificador no pensamento de Moltmann, precisamos ter em mente que para o teólogo alemão, falar sobre santificação hoje significa “redescobrir a santidade da vida e o mistério divino da criação, e defendê-lo contra a manipulação da vida, contra a secularização da natureza e a destruição do mundo pela violência humana” (Moltmann, 2010, p. 166). Como consequência, isso também tem a ver com a integração do humano com a própria vida e seu respeito e reverência para com as outras criaturas que vivem no mesmo espaço que nós, o que leva a lutar contra e renunciar todo tipo de violência que atente contra a vida, seja da humanidade, seja da natureza.

96

O Espírito enquanto santificador

No pensamento de Moltmann, também a busca de concordâncias e harmonias da vida fazem parte daquilo que entende como santificação em nossos dias. Para ele, superar as divisões mortais trazidas pela sociedade

moderna e seu modo de produção é voltar a viver. Devemos, como humanos tomar consciência que nossa vida se insere dentro do contexto maior da criação para assim poder respeitá-la e viver melhor entre ela, sem viver à custa dos outros, mas antes, em favor dos outros.

Assim,

santificação hoje inclui não somente a saúde da vida, mas também a aceitação da natural fragilidade e da mortalidade da vida humana. Resistir ao impulso de morte não significa reprimir a morte, mas pelo contrário aceitá-la e considerá-la como fazendo parte da vida. Naquele amor que “é forte como a morte”, o instinto da morte se apaga (Moltmann, 2010, p. 168).

Para Moltmann, essa santificação não tem base no próprio humano, mas sim no Deus que santifica, de maneira que essa santificação é um agir de Deus em nós. Para ele, dessa forma, santificação tem a ver não com um estado em si, mas antes com uma relação e uma pertença, de maneira que aquilo que Deus ama é santo, independente daquilo que seja (cf. Moltmann, 2010, p. 169).

Dessa forma, parece-nos claro que a santificação dada a nós por Deus também precisa ser encarada como tarefa frente ao mundo em que estamos, santificando aquilo que já foi santificado por Deus, uma vez que “santificação é seguimento de Jesus, é tornar-se vivo no Espírito de Deus” (Moltmann, 2010, p. 169).

No pensamento de nosso teólogo, Deus é santo não por ser o “totalmente Outro” (Barth), mas antes por ser o Espírito que enche toda a terra e ser a vida de tudo quanto vive. Dessa forma, considera que a própria vida, por ter sido criada por Deus, já santa e santificá-la quer dizer vive-la com amor e alegria. Em suas palavras

Portanto a santificação da vida significa não sua manipulação religiosa ou moral, mas sim o tornar-se livre e justificado, amado e afirmado, sempre mais vivo. Vida no Espírito de Deus é uma vida que está confiada à condução e ao impulso do Espírito, uma vida que faz com que o Espírito venha (Moltmann, 2010, p. 170).

Moltmann usa três imagens bíblicas para tentar falar a respeito do Espírito e sua relação com os homens: a primeira é a relação da árvore e dos frutos, em que se mostra que os frutos do Espírito nascem na vida humana, de maneira que devemos deixar com que cresçam em nós, a segunda a relação do Espírito como fonte de vida, que remete ao derramamento do Espírito e seu fluir em nós, e a terceira como luz e luzir que diz a respeito, segundo nosso teólogo, às relações vivas da vida que podemos tirar da própria natureza: “onde o sol brilha, as coisas começam a luzir. Onde a natureza se torna fértil, aí há a vida” (Moltmann, 2010, p. 170-171).

A consequência disso para nosso teólogo é que ali onde o Espírito de Deus é experimentado, tornando fértil o corpo e alma humana, então ali não há mais a separação entre Deus e os homens.

Como essas três metáforas a respeito do Espírito que, segundo ele, mostram uma corrente de energia que flui a partir de Deus, Moltmann quer resgatar o conceito neoplatônico de emanação. Para ele, “Deus não é apenas alguém que se opõe ao mundo, mas é também a fonte de onde toda vida provém, a árvore que produz os frutos e a luz cujos raios tudo iluminam e aquecem” (Moltmann, 2010, p. 171).

Nesse sentido, as forças e as energias de Deus transbordam e enchem toda a terra. Para Moltmann isso não pode ser feito pelos humanos, mas se deve deixar que venha até nós. Porém, isso não se trata de rejeitar toda atuação humana nesse processo. Como humanos podemos abrir espaço para que essa luz possa brilhar. A questão não é santificar uma vida que não é santa, mas justamente santificar uma vida que é santa e isso tem a ver com aprender a ver essa vida como Deus a vê e a amá-la como Deus a ama (cf. Moltmann, 2010, p. 171).

Diante disso, falar do Espírito como santificador no pensamento moltmanniano tem a ver com ver o Espírito vivificador como o Espírito

santificador. Criação e redenção, para nosso teólogo, não são duas coisas diferentes, antes fazem parte do mesmo plano divino.

Assim, segundo nosso teólogo, falar de espiritualidade é falar dessa nova vitalidade e não restrição e enfraquecimento da vida seja pela moral, seja pela religião, antes deve ser visto como novo prazer de viver na alegria de Deus (cf. Moltmann, 2010, p. 172).

Se a santificação tem a ver com amar a vida assim como Deus a ama, então é santo todo espírito que a santifica e luta contra as forças que a querem destruir. Da mesma forma, para nosso teólogo o Espírito santificador é também o espaço vital onde a nova vida possa se desenvolver e é experimentado como “amplidão”, sendo Ele próprio essa amplidão. Assim, é pela confiança do coração que a profundidade desse espaço pode ser medida, é pela esperança que sua extensão pode ser mensurada e é pelo amor que recebemos e damos que sua largura pode ser medida, de maneira que “o Espírito de Cristo é nossa força imanente, o espírito de Deus é o nosso espaço vital transcidente” (Moltmann, 2010, p. 173).

Diante disso de tudo o que falamos até agora, pensar o Espírito Santo a partir das experiências que fazemos dele na concretude da vida, para nosso teólogo é pensá-lo como energia vitalizante, uma vez que transmite vida.

Para Moltmann é o próprio Deus que participa de nossa vida mortal quando experimentamos o Espírito Santo, da mesma forma que também participamos de Sua vida eterna.

Assim, ao sermos atingidos pelo Espírito Santo, no pensamento moltmanniano, de nós também emana uma irradiação que leva nossas relações a brilharem. Aquilo que antes era representado como aréolas hoje poderia ser representado como “aura” ou “charme”, ou, da mesma forma, da “atmosfera” de determinado lugar (Moltmann, 2010, p. 187-188).

Com isso em mente, é possível perceber a estreita relação que Moltmann faz entre a experiência que fazemos do Espírito de Deus e a concretude da vida,

de maneira que em seu pensamento não faz sentido pensar uma ação do Espírito desvinculado das vivências humanas.

Claramente, isso não quer dizer que o Espírito não aja no interior de cada ser humano. Muito pelo contrário, podemos dizer que a ação do Espírito na vida de cada pessoa é percebida a partir da atuação de cada um na vida da sociedade. Nesse sentido, é através das pessoas que o Espírito revela seu poder transformador. A partir daqueles e daquelas que experimentam esse Espírito é possível que ele seja percebido nos rumos da história.

Desafios para uma pneumatologia para o século 21

Não é difícil perceber o porquê dizermos que a pneumatologia desenvolvida por Jürgen Moltmann lança boas bases para desenvolvermos uma pneumatologia para o século 21. Em primeiro lugar, é preciso resgatar o papel do Espírito enquanto ligado à concretude da vida. Na sociedade atual em que a própria espiritualidade tem sido vendida como mercadoria para diversas classes sociais, das mais ricas às mais pobres, numa espécie de self-service espiritual, é preciso reafirmar que a experiência do Espírito implica transformação da vida e da sociedade.

Tal fenômeno, por sua vez, não é algo novo. Leila Amaral Luz, em artigo publicado em 2010, já apontava para os festivais da Nova Era, que em seus stands colocavam

(...) em foco “o caráter de bens de consumo das “técnicas espirituais”, e o *hall das performances* o estilo “festivo” e “divertido” desta espiritualidade, as “vivências” colocam em evidência a responsabilidade e a possibilidade de transformação do indivíduo consumidor, em sintonia com as forças criadoras e transformadoras, liberadas e disponíveis pela festa. O espaço da feira pode, então, ser descrito como o local propriamente dito do mercado. (Luz, 2010, p. 94).

Essa perspectiva da espiritualidade enquanto mercadoria e mecanismo de autopromoção pode ser percebida, também, em diversas séries de streamings ou realities show, nos quais se apresenta uma espiritualidade entendida, em sua

maioria, como elemento catártico e de self-empowerment, sem preocupação com uma transformação genuína daqueles e daquelas que estão no espetáculo.

A ideia de uma espiritualidade que não gera engajamento ético, mas somente individual, não podemos negar, é próprio de uma sociedade ancorada nas premissas do capitalismo e seu discurso meritocrático, que traz a ideia de que o desenvolvimento de cada um deve vir somente por esforço próprio, e que, no final das contas, o que importa é o seu relacionamento com aquilo que considera divino.

Consequentemente, temos uma espiritualidade desconectada das realidades sociais, meramente performática e de viés catártico. Ao observarmos as diversas igrejas e movimentos cristãos contemporâneos não é difícil nos depararmos com esse tipo de espiritualidade sendo vendida e anunciada, principalmente entre os mais jovens.

Aqui, tomamos o conceito trazido por Veliq e Francisco chamado de cristianismo híbrido. Em suas palavras

101

Pelo termo cristianismo híbrido queremos nomear um cristianismo que mistura discursos meritocráticos de um capitalismo neoliberal, com os discursos morais do puritanismo do século 17, e a ideia de governo absoluto de Deus sobre todas as esferas da vida humana, na linha do neocalvinismo e sua cosmovisão cristã proposta no século 19, ou ainda do chamado Novo Calvinismo no século 20 e seu poder de penetração entre os mais jovens. (Veliq & Francisco, 2020, p.39).

Esse tipo de cristianismo, por sua vez, com sua mensagem “cool”, de forte viés publicitário e engajado nas redes, cheio de jargões da contemporaneidade atraem os mais jovens, que passam a ver em seus líderes uma espécie de coaching espiritual, que demandam de seus seguidores o mero cumprimento de metas que os farão se sentirem aceitos por Deus, e consequentemente, cooperar para o aumento no número de membros de determinada comunidade (cf. Veliq & Francisco, 2020).

Nesse cenário, uma pneumatologia cristã para o século 21 tem como desafio não se submeter a essa lógica catártica e mercadológica. Antes, no

seguimento de Jesus Cristo, deve se mostrar como luz em meio a caminhos muitas vezes tortuosos. Nesse sentido, deve resistir à tentação da fama, compreendendo o seu lugar como balizadora da vida cristã e critério de discernimento para tudo aquilo que se diz ser obra do Espírito do Deus cristão.

Aqui se mostra um segundo desafio: para discernir é preciso observar e escutar. Para escutar é preciso estar em silêncio. Talvez, o desafio do silêncio seja o mais complicado para o cristianismo. Afinal, são mais de 20 séculos falando e em grande parte deles, sendo a referência que determinava a ordem da sociedade no Ocidente, do que podia e do que não podia ser feito, daquilo que agradava ou desagradava a Deus.

Nesse sentido, ainda que tenha havido a separação formal entre Igreja e Estado a partir da Modernidade, o cristianismo manteve durante muitos séculos seu poder de influência, e até hoje, tal influência ainda se manifesta em diversas partes do mundo, principalmente no sul global, em que a maioria da população se diz cristã.

Se o cristianismo se acostumou a falar e ter sua voz ouvida ainda que a força, calar-se para ouvir é um grande desafio. Porém, sem tal atitude, cada vez mais o cristianismo corre o risco de se tornar uma voz antiquada e que não ressoa mais na sociedade contemporânea, para a qual o cristianismo é somente mais uma voz dentre tantas outras que falam atualmente.

Silenciar-se, contudo, é tarefa imprescindível na contemporaneidade que tanto quer falar. Compreender isso passa por compreender, como dizia Evdokimov que “o silêncio é uma qualidade de Deus” (Evdokimov, 2007, p.29). Essa categoria também se mostra em diversos momentos do texto bíblico: Ex 14,14, Gn 7,16, Jó 40,4, Ap. 8,1, Lc 1,20-22 são exemplos de momentos de silêncio na qual a revelação de Deus e seu agir podem ser percebidos. Nas palavras de Evdokimov:

Apenas o silêncio leva a compreender a palavra de São Máximo, o Confessor: “o amor de Deus e o amor dos homens são dois aspectos de um só amor total”. Com um imenso suspirar, o silêncio inunda a terra de paz: “Tudo pertence a ti, Senhor; eu pertenço a ti: recebe-

me”. À questão “contemplação ou vida ativa?”, São Serafim respondeu: “Encontre a paz interior e o silêncio, e uma multidão de homens encontrará a salvação junto a você”. Deus criou os anjos “em silêncio”, dizem os Pais da Igreja. Deus guia os silenciosos, os agitados fazem os anjos rirem. (Evdokimov, 2007, p.36-37)

Ou ainda:

O grande silêncio toma a terra na Sexta-feira da Paixão. Depois de anunciada a morte de Deus, parece que o mundo entra no silêncio do grande Sábado. Conforme os Pais da Igreja, antes de ouvir as palavras do Verbo é preciso aprender a ouvir seu silêncio, “essa linguagem do mundo futuro”; segundo Santo Isaac, *o silêncio aqui significa encontrar-se dentro da Palavra*. É apenas no nível de seu próprio silêncio que o homem pode fazer isso. É em semelhante silêncio e na liberdade régia de seu espírito que todo homem é convidado a responder à pergunta muito simples: O que é Deus? Um São Gregório de Nissa simplesmente escapar: “Tu, que minha alma ama...” (Evdokimov, 2007, p. 37)

A capacidade de silenciar-se para olhar para si continua sendo um desafio para o ser humano contemporâneo, e consequentemente para a pneumatologia. Somente uma pneumatologia que se silencia para voltar-se a reencontrar essa experiência com o Ser de Deus que a fundamenta é capaz de ser voz digna de ser ouvida.

Paradoxalmente, é no silêncio que a voz do Espírito será ouvida na contemporaneidade. Contudo, não se trata de um silêncio passivo e autorreferencial, para elaboração de mais dogmas e mais especulações sobre o ser de Deus, mas um silêncio ativo, que em sua busca de Deus, escuta o mundo contemporâneo e se torna um farol para ele.

Como sal, que só é bom quando desaparece no meio da comida a qual tempera, assim também a pneumatologia contemporânea somente fará diferença se desaparecer na concretude da vida, silenciosamente.

O terceiro desafio para a pneumatologia do século 21 é justamente escutar. Escutar o mundo e o que ele tem falado em suas diversas áreas do conhecimento. Ao longo da história da teologia cristã não é difícil perceber que esta teve uma postura soberba e arrogante frente aos outros conhecimentos da sociedade. Ainda hoje, não é difícil encontrarmos líderes religiosos com tal

postura antiquada, como se esses fossem os guardiões das verdades últimas e os cobradores de pedágio para o acesso às verdades celestiais, ignorando o que as outras ciências têm a dizer sobre as diversas questões da sociedade.

A pneumatologia do século 21, caso queira ser relevante, precisa ouvir o que as outras ciências têm falado, a fim de compreender melhor qual o seu papel diante das demandas existências da sociedade. Em outras palavras, a pneumatologia precisa cultivar a humildade para aprender com os novos saberes, lembrando-se sempre de que todo discurso teológico é impossível de encapsular o divino.

Dessa forma, ao escutar o que outros saberes têm a dizer sobre a relação do ser humano com a divindade, com sua psiquê, com a sociedade na qual está inserido, a pneumatologia se torna, também, capaz de elaborar melhor como aquilo que chamamos de Espírito de Deus pode ser percebido e compreendido nessa sociedade.

Considerações finais:

Falar da pneumatologia sempre foi uma tarefa difícil, especialmente, porque das pessoas da Trindade, ela é a mais difícil de ser colocada em palavras, sendo, talvez, este o motivo pelo qual ao longo da história o Espírito sempre foi exposto com imagens que tentavam, de alguma maneira, falar sobre quem ele era.

Contudo, ao longo da história foram diversas as formulações e doutrinas criadas para se falar do Espírito, quase sempre remetendo a uma experiência interior do ser humano com a divindade. No final do século 20, Jürgen Moltmann propôs uma pneumatologia conectada com a concretude da vida, que a nosso ver, lançou boas bases para se pensar uma pneumatologia do século 21.

Os desafios de se falar a respeito do Espírito em uma sociedade cada vez mais secularizada, mas ao mesmo tempo que busca mais certa espiritualidade são diversos. Nossa intuito neste artigo foi de elucidar três desses desafios, que

acreditamos, podem cooperar para se pensar novas formas de se fazer pneumatologia, e mais ainda, de viver pneumatologicamente.

Nesse ponto, vale ressaltar que a vida no Espírito é muito mais do que um discurso acerca do Espírito Santo, mas uma experiência de encontro que nos toca e que nos faz encontrar com o Ressuscitado nos caminhos do mundo. O discurso é importante, porque somos seres de linguagem, e necessitamos dela para comunicar as diversas experiências que fazemos do divino. A teologia, esse estudo a respeito de Deus, no final, é uma sistematização dos diversos discursos feitos sobre Deus, Jesus e o Espírito ao longo da história do cristianismo. Contudo, o discurso não dá conta de toda a experiência do Espírito, e tentar reduzir a vida no Espírito à pneumatologia seria um erro muito grande, correndo o risco de com a letra matar o Espírito.

O Espírito é aquele que nos relembraria do caráter apofático e catafático de Deus, se quisermos seguir a teologia ortodoxa. O aspecto catafático nos afirma que só podemos conhecer de Deus aquilo que Ele nos revela. O aspecto apofático, como nos mostra Evdokimov, afirma que “(...) de Deus sabermos apenas “que Ele é”, e não “o que Ele é”, porque “ninguém jamais viu a Deus”” (Evdokimov, 2007, p. 43). Assim, devemos sempre nos lembrar que o Espírito sopra onde quer e que nunca conseguiremos encapsulá-lo em nossos discursos e dogmas.

105

Referências

- CONGAR, Yves. *Revelação e Experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2009
- EVDOKIMOV, Paul. O silêncio amoroso de Deus. 2ed. Aparecida: Santuário, 2007.
- LUZ, L. A. Quando o Espírito Encontra-se na Mercadoria. *Numen, [S. l.], v. 2, n. 2, 2010.* Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21740>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010
- MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MOLTMANN, Jürgen. *Igreja no poder do Espírito*. Santo André: Academia Cristã, 2013
- MOLTMANN, Jurgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2014
- RUETHER, Rosemary Radford. *Sexism and God-Talk: toward a Feminist Theology*. Boston: Beacon, 1983.

VELIQ, Fabrício. Pneumatologia e diálogo inter-religioso: em busca de um critério de discernimento. São Paulo: Loyola, 2023.

VELIQ, Fabrício. *A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann como contribuição para o diálogo inter-religioso*. 2021. 220 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/A-PNEUMATOLOGIA-HERMENEUTICA-DE-JURGEN-MOLTMANN-COMO-CONTRIBUICAO-PARA-O-DIALOGO-INTER-RELIGIOSO.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.